

## Fundo está mais tolerante com déficits

Diretora-gerente diz que o FMI será mais tolerante com déficits públicos maiores, devido à pandemia. A recomendação de Kristalina Georgieva, é que os países gastem mais agora, mas gastem melhor, para aumentar a produtividade

Por Brendan Greeley —

Financial Times, de Washington, 14.10.2020

---



A economista búlgara Kristalina Georgieva, diretora-gerente do FMI — Foto: Andrew Harrer/Bloomberg

Kristalina Georgieva começa a cantar em búlgaro, à mesa, com voz baixa, porém firme, como você cantaria para fazer uma criança dormir. É uma música que ela escreveu quando adolescente, no fim dos anos 60, no vilarejo de seus avós, nas montanhas da Bulgária, na era comunista. Ela havia esgotado os livros disponíveis na biblioteca local e começou a ler filosofia. Ela termina um verso e traduz.

“Mas de que valem Kant e Spinoza/ se são outros que fazem previsões para mim?”

A própria tradução em inglês tem métrica e ela olha para mim enquanto ressalta a primeira sílaba de cada verso dátilo. A canção, com seu apelo divertido por autodeterminação, era

“quase política”, diz. “É claro, eu a cantava e depois ia para casa e dizia a mim mesma ‘Meu Deus, o que foi que eu fiz?’.”

No dia em que almoçamos, Georgieva, de 67 anos, celebrava seu primeiro aniversário como diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI). O cargo, por si só, vem acompanhado de enorme responsabilidade - salvar o mundo durante crises financeiras. Mas tem bem pouco poder formal. O FMI não pode dar grandes empréstimos sem consentimento de seus membros mais poderosos. Assim, seja quem for que estiver no comando do FMI, a pessoa apenas tem o direito de persuadir os presidentes e primeiros-ministros a agir. O trabalho de Georgieva é plena e irritantemente político.

E, no momento atual, é de especial importância. Ontem o FMI atualizou suas previsões de crescimento mundial. Da vez passada que o fez, em junho, os economistas do FMI projetaram retrações de 8% na economia do mundo desenvolvido e de 3% na dos países emergentes, citando “profundos recuos sincronizados”. O FMI destacou agora que o panorama era “menos sombrio do que o previsto”, mas também alertou para o risco de piora na situação, caso a recessão pelo mundo se transforme numa crise financeira global.

Em seu primeiro ano, Georgieva já se depara com a versão mais terrível do problema básico de qualquer diretor do FMI: como persuadir os países ricos a ajudar os pobres? E, quando se consegue isso, como incluir as exigências adequadas para assegurar que o auxílio funcione? E, quando se consegue isso, como se certificar de que os países pobres confiem na sinceridade da ajuda do FMI, quando no passado essa ajuda acabou gerando mais destruição econômica? Ela tem de fazer tudo isso tendo apenas poder informal, como uma pessoa que compõe uma música.

No colegial, ela divertia os colegas de classe compondo marchas delicadamente contrarrevolucionárias, para quando tinham que treinar ordem única com rifles quebrados no verão. Ela me canta sua canção sobre Spinoza para ilustrar. Quando criança e quando jovem professora em Sofia, ela tinha mais poder do que imaginava na época. “As pessoas como eu eram muito úteis”, diz. “Criávamos a impressão de que havia mais liberdade do que realmente havia.”

Ela me convidou ao Tonic at Quigley, um bar escondido no campus urbano da Universidade George Washington, perto da sede do FMI em Washington. Há locais parecidos ao Tonic em praticamente todas as universidades americanas; serve tanto para que os estudantes façam um almoço de verdade quando os pais estão na cidade quanto para que depois voltem para uns drinques quando os pais já estejam no hotel.

Agora que as pessoas não se tocam mais para evitar o contágio, há muitas formas de dizer “oi”. No pátio traseiro do Tonic, decido por um cumprimento com o cotovelo. Ela diz que prefere a mão no coração ou as palmas unidas, no estilo ioga. Tentamos os três, então nos sentamos nos lados opostos de duas mesas que foram unidas. Estamos separados por um arranjo de abóbora e girassóis. Concordamos em empurrá-lo para o lado.

Sem olhar o cardápio, ela pergunta ao garçom qual é a sopa do dia. “Não sou grande coisa em almoços, devo dizer”, diz. “Normalmente meu almoço preferido é sopa.” Ela tem histórico de pressão baixa e prefere trabalhar com o mínimo possível no estômago. “[Quando] você come, o seu sangue se concentra em processar o alimento”, explica, “e não sobra o suficiente para o seu cérebro”.

A família materna de Georgieva era dona de terras e de um hotel que foi estatizado pelos comunistas na Bulgária. A família paterna vinha de uma antiga linhagem, anterior até à chegada dos turcos. Isso significa que sua origem vinha de duas classes de pessoas suspeitas.

Seus pais não se juntaram ao Partido. Quando criança, para sua própria proteção, ela foi mantida no escuro sobre seus avôs.

Quando estava na faixa dos 20, Georgieva era professora assistente na Universidade da Economia Nacional e Mundial, em Sofia e ajudou a receber uma delegação japonesa. “Nenhum de nós havia visto alguém do Japão antes”, diz, “então tratamos os japoneses com tudo o que podíamos” - jantar, vinhos. “Então, eles ficaram um pouco bêbados e um deles disse no fim do jantar, ‘Vocês têm sorte por não saber o quanto são pobres’.”

Foi a primeira vez que lhe passou pela mente ser pobre, diz Georgieva, e ela percebeu que o problema da Bulgária nos anos 70, sob o comando forte do comunista Todor Zhivkov, não era a escassez, mas a baixa produtividade. As pessoas não tinham a liberdade para tornar-se boas em seus empregos. “Vivíamos num ambiente no qual não havia competição, então você não podia realmente ter os melhores e mais inteligentes, a não ser, talvez, nos esportes”, diz. “Essa era, na verdade, a nossa maior limitação, não tanto as coisas materiais.”

“Naturalmente”, acrescenta, “a economia da escassez é um problema. Não tanto em razão das limitações do que você consome, mas em razão do resultado das limitações, de como seus recursos produtivos são usados.” Ele dá sua própria família como exemplo. Depois que, após 35 anos no poder, Zhivkov renunciou, em 1989, o desenvolvimento na Bulgária ficou para trás em relação ao dos outros países do Leste Europeu e o país sofreu um surto de hiperinflação em 1996 e 1997.

“A poupança de minha mãe desapareceu”, diz. “As economias de uma vida perderam-se num par de dias. Ela tinha de fazer fila quase que para sobreviver. Eu acordava às 4h da manhã para fazer fila e comprar leite para minha filha.”

O garçom rondava. Georgieva pede sua sopa do dia, de vegetais. “E, então, é claro, vou querer os [bolinhos de batata] ‘tots’”, diz.

Os “tater tots” são uma comida básica nos almoços das escolas americanas: pedaços ralados de batata (os “tater”) sovados numa massa do tamanho de uma rolha de vinho - (os “tots”). Coloca-se sal e, depois, os bolinhos são fritos até ficarem dourados. Todo mundo os adora. Também decido acrescentar uma porção de “tots” de entrada ao que era meu plano original de almoço: a agora perdida moderação de uma salada da casa.

Tradicionalmente, e em especial no FMI, economistas defendem a parcimônia e a austeridade - uma decisão consciente, para reduzir déficits. Primeiro, seguindo tal argumento, preços e salários precisam ser ajustados para baixo. Então, sem mais ameaças de crises de dívida, os cidadãos e investidores terão mais confiança naquele país e farão suas apostas, comprando produtos e pagando por mais prédios e máquinas para voltar a tornar a economia produtiva.

Georgieva virou esse argumento de ponta-cabeça: os ajustes que as pessoas precisam fazer nos períodos de austeridade não resolvem o problema; eles são o problema. Austeridade e autocracia representam problemas comparáveis. Em ambos os casos, o problema não é que as pessoas consomem menos. É que, por razões fora de seu controle, elas não podem ser produtivas. E ambas deixam o que os economistas chamam de “cicatrices”, uma queda de longo prazo na produtividade, à medida que as pessoas perdem a capacitação profissional, a saúde e a esperança. A produtividade é difícil de criar e de reconquistar, quando perdida.

Ao ver o colapso econômico na esteira da pandemia da covid-19 neste ano, ela se lembra da Bulgária dos anos 90 e tem receio quanto às “cicatrices”. As indústrias do país eram ineficientes, mas eram grandes empregadoras. “Uma vez que foram varridas do mapa”, conta, “o impacto das cicatrizes nas comunidades, em cidades inteiras, foi devastador e duradouro”. Na Rússia, país no qual ela atuou como diretora do Banco Mundial, em meados dos anos

2000, “ainda há cidades e áreas rurais onde o desemprego estrutural só se resolve quando as pessoas chegam ao fim da vida”, diz. “Elas morrem.”

O FMI não se afastou da austeridade de uma hora para outra com a chegada de Georgieva. Já na época de Christine Lagarde, sua predecessora, pesquisadores do FMI criticavam os argumentos a favor da austeridade, mostrando como ela não havia trazido o crescimento prometido. Mas Georgieva, tendo vivido ela própria em tempos de parcimônia e escassez, agora oferece uma alternativa. A antiga estratégia para países com problemas era deixar um ajuste natural agir para que o país pudesse emergir mais produtivo. Ela quer suavizar o sofrimento da transição, evitar as cicatrizes que acompanham os colapsos, preservar a produtividade e, quando possível, investir dinheiro público nela.

“Você mapeia onde será o impacto”, diz. “Você não pode simplesmente ter um ‘boom’, transformar-se. Se você fizer isso, sua economia estará se saindo melhor porque você está fazendo um melhor uso de seu capital produtivo.” Macroeconomistas formados em Boston, Chicago ou Frankfurt tendem a presumir que economias simplesmente têm um “boom”, ajustam-se. Para Georgieva, o ajuste, por si só, já é tudo. “Acredito, realmente, que não apenas não há substituto para a experiência como não há substituto para a inteligência emocional que você obtém ao ser parte de uma comunidade ou sociedade em graves dificuldades. É o mais afiado dos punhais.”

Meus “tots” chegam, uma cesta grande o suficiente para quatro estudantes bêbados. Ela pergunta ao garçom se o dela será do mesmo tamanho. Ele confirma que sim. “Ooohhh”, diz. “Então, tá certo. Vamos aproveitar. Obrigado.” O garçom sai. Ela aponta para minha cesta: “Lá se vai meu almoço leve.”

Em janeiro de 2019, Olivier Blanchard, ex-economista-chefe do FMI, apresentou um argumento simples que representou uma mudança significativa para macroeconomista e políticos. As taxas de juros estão baixas, disse ele, e portanto, se você tem um plano para gastos com infraestrutura, pode não ser um pecado se endividar. Menciono isso e Georgieva diz que, depois que a pandemia chegou, Blanchard entrou em contato com ela. “Ele estava preocupado que o Fundo pudesse estar lento demais na recomendação do aumento dos gastos. Depois, acho que ele percebeu que estava batendo numa porta aberta.”

Nos primeiros meses da pandemia, diz ela, “não sei quantas vezes fui a público para dizer ‘gastem, guardem os recibos. Mas gastem’”.

“Agora conhecemos melhor os parâmetros dessa crise”, continua. “As autoridades podem começar a direcionar seu apoio para aumentar a eficiência dos gastos”. Essa linguagem também é nova. O FMI começou a falar não só sobre os níveis dos gastos em geral, mas também sobre “qualidade dos gastos”. Pergunto o que é gastar com qualidade. Ela surge com uma lista familiar a qualquer economista desenvolvimentista, como meio de melhorar a produtividade: pesquisa, educação, saúde, vias rurais. “Você use seu dinheiro para remover obstáculos ao crescimento.”

Essas coisas costumavam ser boas para um país comprar, caso tivesse espaço em seu orçamento. Agora, vale a pena abrir espaço para elas. Peço a Georgieva para ser bem clara: o Fundo está disposto a tolerar déficits, se os gastos forem feitos nas coisas certas? “Isso mesmo”, responde ela. “Sim.”

Os bolinhos de batata estão extraordinários - crocantes, nostálgicos, perfeitos. Georgieva come logo os dela.

O FMI não é apenas um “think-tank”. Ele oferece assistência financeira, embora sua matemática conservadora e controlada sempre assegure que os países com a maior

probabilidade de precisar de ajuda provavelmente serão aqueles com a menor chance de recebê-la. Uma semana depois de nosso encontro, o FMI divulgou capítulos de seu relatório anual, exortando os países ricos a tomarem mais dívida para gastos de qualidade. Mas isso deixa uma questão em aberto para os países que não têm o mesmo acesso aos mercados de capitais que os EUA, ou a Europa e o Japão.

“O Fundo precisa ter uma grande bazuca”, diz ela, referindo-se ao total de cerca de US\$ 1 trilhão que o FMI tem em seus vários programas de empréstimos. “Um trilhão, e não ninharia. Um trilhão”, diz.

A partir do ano que vem, cerca de 40% disso estará no Novos Acordos de Empréstimos (NAB, na sigla em inglês), um programa do Fundo que ela descreve como “os que têm ajudando os que não têm” - países ricos emprestando para os países pobres. Sua primeira prioridade quando chegou ao Fundo foi ampliar e dobrar o NAB, um acordo assinado em janeiro. Ela vem alertando os países-membros que vai pedir o seu uso. “É possível que ele seja ativado dentro de alguns meses, ou seja, até o fim do ano. Portanto, as pessoas precisam saber disso antecipadamente.”

Georgieva acredita, porém, que o Fundo pode se voltar para os países em desenvolvimento com outro incentivo: melhore a qualidade dos seus gastos, concentre-se na produtividade e você poderá se tornar um candidato ao que ela chama de “interesse próprio esclarecido” - se você tiver problemas no futuro, outro país poderá se oferecer para emprestar diretamente a você parte das reservas totais de US\$ 11 trilhões dos BCs.

A ideia de encorajar mais países a sentirem-se mais responsáveis por seus vizinhos em uma crise financeira pode parecer otimista. Mesmo assim é impossível olhar para a própria história de Georgieva, de sobrevivência dentro de grandes organizações internacionais - por um breve período no topo do Banco Mundial, como comissária para a União Europeia - e chamá-la de ingênua.

Ela diz que, quando começou como economista do Banco Mundial, na década de 90, seu primeiro trabalho foi ajudar a acelerar a remoção da gasolina com chumbo no Leste Europeu e na ex-União Soviética. “Agora há jovens na Europa que são mais espertos, porque o chumbo afeta o seu QI, porque o banco me contratou e eu pude fazer esse trabalho”, diz ela. “O erro que sempre cometemos é tentar apontar para os negacionistas e tentar convencê-los, em vez de empoderar e instigar os agentes das mudanças positivas e simplesmente” - ela ri enquanto busca as palavras - “ignorar esse barulho”.